

A história de Egialeu (*Efesíacas*, V.1): tradução e comentário*

Adriane da Silva Duarte**

RESUMO: “A história de Egialeu” é uma narrativa intercalada em *Efesíacas* ou *Ântia e Habrócomes*, romance de Xenofonte de Éfeso (II. d.C.). Considerado como um autor de poucos méritos literários, Xenofonte se destaca pela habilidade com que compõe essas narrativas secundárias em sua obra, que, paradigmáticas, se oferecem como exemplo para os protagonistas. O objetivo desse artigo é apresentar a tradução dessa passagem (*Efesíacas*, V.1), antecedida por uma breve exposição sobre autor e obra e sua discussão.

Palavras-chave: Xenofonte de Éfeso; *Efesíacas*; *Ântia e Habrócomes*; romance grego antigo.

ABSTRACT: “The Aegialeus’ tale” is an embedded narrative of *The Ephesian tales*, or *Anthia and Habrocomes*, novel by Xenophon of Ephesus (II AD). Considered as an author with few literary merits, Xenophon stands out for the skill with which he composes these secondary narratives, which, paradigmatic, offer themselves as an example to the protagonists. The purpose of this article is to present the translation of this passage (*The Ephesian tales*, V.1), preceded by a brief exposition on author and work and its discussion.

Keywords: Xenophon of Ephesus; *The Ephesian tales*; *Anthia and Habrocomes*; Greek Ancient Novel.

Autor e obra

Efesíacas ou *Ântia e Habrócomes*, como é mais conhecido, é um romance grego de autoria de Xenofonte de Éfeso (II d.C.). Sobre o autor pouco se sabe, como de resto é o que acontece com os demais romancistas gregos. Para a *Suda*, única fonte a mencioná-lo, era um historiador que, além de uma obra sobre a cidade de Éfeso (Περὶ τῆς πόλεως Ἐφεσίων), teria escrito um romance de amor (*erotiká*) sobre Habrócomes e Ântia.¹ A acurácia do verbete é duvidosa. O nome Xenofonte evoca um predecessor famoso, o historiador ateniense do século IV a.C., e o título do romance é adequado a um livro de história, dois fatores que podem ter contribuído para a composição do verbete da parte de um redator sugestível. Deve-se, contudo, ponderar que as atribuições do retórico, historiador e romancista não são excludentes e o fato de não haver rastro da obra histórica não implica que esta não tenha existido. O que há de concreto, contudo, é o romance.

Em meio a tantas incertezas, a datação de *Efesíacas* é igualmente difícil, uma vez ausentes testemunhos externos ou fontes papiráceas que ajudem a delimitar o

* Esse artigo traz resultados parciais de projeto financiado pelo CNPq através da Bolsa de Produtividade em pesquisa 303671/2015-7.

** Mestre e Doutora em Letras (Letras Clássicas) pela USP. Professora associada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

¹ Para o testemunho da *Suda*, cf. Gärtner (1983: 2057).

período de produção do texto, que nos chegou por meio de um único manuscrito, datado do século XIII.² Sendo assim, as principais evidências têm origem no próprio romance. Um exemplo é a menção, em duas ocasiões, de um cargo, o promotor da paz (ὁ τῆς εἰρήνης τῆς ἐν Κιλικίας, II.13.3 e III.9.5, equivalente a εἰρήναρχος), cuja atestação epigráfica coincide com a época de Trajano (98-117 d.C.). Com isso, a maioria dos estudiosos tende a situar Xenofonte no século II d.C.³

Para Bowie (2002: 57), contudo, a criação do cargo pode ter sido anterior ao primeiro registro que dele temos, o que permitiria recuar um pouco a data de composição. Além disso, ele vê uma referência ao embalsamamento de Popeia por Nero (65 d.C.), no relato que Egialeu faz de sua trágica história de amor a Habrócomes (V.1.4-9). Com base nisso, ele situa Xenofonte no final do século I d.C, mas ainda o considera posterior a Cáriton de Afrodísias, tido como precursor do gênero e que teria escrito *Quéreas e Calíroë* entre 41 e 62 d.C. É importante notar que outro fator determinante para a datação de *Efesíacas* é a percepção, com base em relações intertextuais, de que Cáriton teria sido o modelo para Xenofonte.⁴

E de que modelo estamos falando? Trata-se de um romance do amor idealizado (*ideal love novel*), em cuja trama estão associados amor (*erotiká*) e aventura (*parádoxa*).⁵ Nela, dois jovens de extrema beleza apaixonam-se à primeira vista, sofrem uma separação e devem passar por uma série de obstáculos para reunirem-se e, afinal, desfrutarem de sua paixão. Em *Efesíacas*, o par protagonista, Ântia e Habrócomes, é reunido por Eros em Éfeso, sua cidade natal, onde terminam por se casar. Em um oráculo, contudo, Apolo prevê muitas provações para os jovens em terras estrangeiras até que possam alcançar a felicidade juntos. Seguem-se a viagem, captura por piratas e bandidos, escravidão, separação, assédios e calúnias, culminando no reencontro e repatriação do casal.⁶

Apesar de ser o mais breve dos romances gregos de amor, é o mais difícil de resumir em vista da trama muito enredada, que inclui peripécias sequenciais e duplicação de padrões narrativos. Para alguns, isso se deve ao fato da obra constituir ela mesma um resumo, ou epitome, do original. A *Suda* anota que *Efesíacas* seria composta por dez livros, mas o texto supérstite possui apenas cinco, informação corroborada no corpo da obra (*Efesíacas*, V.15.4): “É o final das *Efesíacas* de Xenofonte, relato em cinco livros, a respeito de Ântia e Habrócomes”. Essa incongruência, como nota Ruiz-Monteiro, prejudicou a recepção do autor (2004: 43):

Dos cinco autores dos assim denominados romances “de amor e aventura” talvez o menos estudado seja Xenofonte de Éfeso. Isso se dá

² Trata-se do Códice Florentino *Laurenziana Conventi Soppressi* 627, depositado na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença (It.). Cf. em <https://www.bmlonline.it/?s=Conv.+Soppr.+627>, acessado em 22/05/2018.

³ Cf. Kytzler (2003: 347-8).

⁴ Há, contudo, uma voz discordante. O’Sullivan (1995), responsável pela mais recente e respeitada edição do romance (Teubner, 2005), propõe uma inversão da cronologia, defendendo que Xenofonte é mais antigo, tendo sido ele a influenciar Cáriton. Para ele (O’Sullivan, 2014:52), Xenofonte representaria uma espécie de transição entre uma tradição oral de histórias de amor e aventura e sua assimilação na cultura letrada, da qual Cáriton seria o continuador. Embora alguns helenistas, como Withmarsh (2011: 264), estejam dispostos a considerar essa hipótese, ela ainda é marginal na academia.

⁵ Segundo Brandão (2005: 271), as espécies em que se dividem os romances gregos são *parádoxa*, ou narrativas extraordinárias de viagem e aventura; e *erotiká*, que privilegiam as peripécias amorosas. É possível associar ambas as vertentes, os *erótika* + *parádoxa*. Para um panorama geral e indicação bibliográfica, cf. Duarte (2016).

⁶ Um resumo bem mais completo em O’Sullivan (2014).

porque, desde que a *Suda* atribuiu dez livros a *Efesíacas* enquanto o texto do romance contém somente cinco, Xenofonte foi tradicionalmente visto como tendo menor mérito literário. E apesar da defesa de T. Hägg, que sustentou que a reputação de Xenofonte como compositor de epitome baseia-se sobretudo em sua técnica narrativa particular e que em todo caso o texto devesse incluir algumas lacunas, a teoria da epitome perdurou por anos.⁷

Atualmente essa teoria perdeu força com os trabalhos de O’Sullivan (1995) e Ruiz-Monteiro (2004), entre outros, que defendem que as *Efesíacas* é um texto transicional, que, ainda que escrito, guarda fortes marcas de oralidade. Assim, certas características estilísticas, como repetição de estruturas sintáticas, semânticas e temáticas, antes apontadas como defeitos de composição e postas na conta da epitome, passaram a ser vistos como recursos empregados conscientemente por um autor devedor da tradição narrativa oral.

A história de Egialeu (*Efesíacas*, V.1): comentário

Efesíacas traz um narrador onisciente e em terceira pessoa, que quase não se intromete na narrativa. Para Morgan (2004: 490), “a função mais visível desse quase invisível narrador é precisamente controlar as rápidas transições entre as duas linhas narrativas da trama”, i.e, os episódios que envolvem ora Ântia, ora Habrócomes. Uns dos pontos fortes de Xenofonte diz respeito às narrativas intercaladas (*embedded narrative*). São exemplos os relatos biográficos de Hipótoo (III.2.1-15) e de Egialeu (V.1.4-11), cuja tradução proponho aqui.⁸ Como nota Ruiz-Monteiro (2004: 48), trata-se de “histórias de amor malsucedidas devido à morte de um dos amantes”, mas que mantém uma relação temática e estilística evidente com o enredo primário. Segundo Morgan (2004: 490-491), elas se prestam como relatos paradigmáticos para o herói, uma vez que Habrócomes é o destinatário de ambos.

A história de Egialeu ocupa o primeiro capítulo do quinto e último livro do romance. Habrócomes hospeda-se em sua casa, na Sicília, aonde chega em busca do corpo de sua amada Ântia, que acredita erroneamente estar morta. Com o desejo de prestar-lhe honras fúnebres, sai em busca de seu túmulo e é informado que o corpo havia sido levado por ladrões de sepultura – na verdade, a heroína fora inadvertidamente enterrada viva e depois encontrada pelos ladrões, que a decidiram vendê-la no Egito. Antes de pôr fim à própria vida, Habrócomes quer primeiro recuperar o corpo de Ântia para que possam ser enterrados juntos. Para isso, inicia um périplo que o leva da Cilícia até o Egito e, dali, até Siracusa, na Sicília. Essa obstinação, embora tenha algo de macabro, é eficaz do ponto de vista narrativo, uma vez que preserva vivo o herói para posterior reunião com a heroína.

Egialeu, um pobre e velho pescador, afeiçoa-se ao jovem efésio e depois de ouvir sua história, resolve contar-lhe a dele. E são vários os pontos de contato entre ambas, o que permite uma identificação quase que imediata da parte do ouvinte. Assim como Habrócomes, Egialeu, membro de uma família influente em sua cidade natal, Esparta, apaixona-se por uma jovem que avista em um festival patrocinado pela cidade quando ele ainda era um efebo (*Efesíacas*, I.2). Mas, ao contrário de Habrócomes, que se une a Ântia com o consentimento das famílias de ambos, Egialeu vive uma paixão clandestina e, para realiza-la plenamente, foge com sua amada para Sicília, onde vivem com simplicidade até a morte de Telxínoe, já em idade avançada. Habrócomes, como

⁷ Tradução de minha responsabilidade. Cf. Hägg (1966).

⁸ Sobre o relato de Hipótoo, cf. Duarte (2017).

sabe o leitor do romance, foi separado de Ântia logo após o casamento e, desde então, percorre o Mediterrâneo a sua procura, viva ou morta. As histórias novamente se espelham, quando Egialeu convida o amigo a conhecer um aposento da casa que abrigava o corpo embalsamado de Telxínoe. Como ele confessa, não conseguiu separar-se dela e sua presença é um grande consolo.

É uma história macabra, que sugere mesmo a prática de necrofilia.⁹ O motivo, ainda que atenuado, aparece em *Alceste*, de Eurípides. Admeto promete à esposa, em seu leito de morte, que não voltará a se casar, dedicando-se à sua memória. Para tal, fará fabricar uma estátua dela, mas não destinada à exibição pública e, sim, de uso privado (Eurípides, vv. 348-354):

Moldado por hábil mão, uma imagem parecida com a tua
será estendida em meu leito.
Cairei sobre ela e, tomando-a em meus braços
e chamando-a por teu querido nome,
imaginarei ter minha mulher, ainda que não a tenha.
Um frio prazer, eu sei, mas ainda assim aliviaria
o peso da minha vida.

A estátua surge como um substituto para a esposa morta, principalmente nas intimidades da cama. Também Egialeu beija Telxínoe e deita-se ao seu lado. Habrócomes não aparenta estar chocado com isso, no entanto. Ao contrário, o exemplo do velho pescador parece reforçar sua intenção de encontrar o corpo de Ântia. Do relato, ele diz ter tirado uma lição: o amor verdadeiro não é limitado pela idade. O que isso realmente significa é mais difícil de estabelecer. A palavra empregada para “idade” é ἡλικία, que significa tanto a idade propriamente dita, quanto, de forma mais específica, a juventude (“a força da idade”); e ainda geração ou época. Pode-se pensar que o jovem descobre que a paixão perdura para além da juventude (amor não tem idade). Vale lembrar que no romance grego, beleza e juventude são apanágios dos amantes. Os narradores se desinteressam de seus personagens tão logo eles retornam a suas cidades, congelando-os numa juventude perpétua. Como nota Whitmarsh (2011: 147), a ideologia cívica se sobrepõe sobre os indivíduos, de modo que “situar a restauração [do casamento] na terra natal dos amantes privilegia implicitamente a perpetuação endógama da comunidade local”, que o par protagonista representa de forma idealizada. Certamente é nesse ponto que reside a principal diferença entre Egialeu e Habrócomes, já que condenado à morte em Esparta o jovem casal não poderia voltar e cumprir o papel de regenerar a cidade, o que explica que tenham alcançado juntos a velhice. Sua história, desprovida de *télos*, estará sempre em aberto e nem mesmo a morte poderá pôr-lhe um fim.

Outra possibilidade é que Habrócomes tenha compreendido que a paixão não esteja limitada pelo tempo, ou seja, que transcenda a morte. Essa percepção estaria ligada ao alcance da memória, capaz de eternizar as experiências passadas, tornando-as sempre presentes. Diante de uma Telxínoe mumificada, Habrócomes enxerga apenas uma velha senhora, enquanto que Egialeu vê a moça por quem se apaixonara em Esparta e com quem fugira para a Sicília. Há aqui, sem dúvida, uma idealização do passado, quando ambos os amantes eram jovens e belos. Para Whitmarsh (2011: 2), Egialeu

⁹ Egialeu diz que beija e convive com o corpo de Telxínoe, ao lado do qual se deita. O verbo σύνειμι, conviver, também significa manter relações sexuais. Cf. Whitmarsh (2011: 2). Sobre o tratamento que Nero teria dado ao corpo de Popeia Sabina, embalsamada, e que se acredita que ecoe aqui, cf. Tácito, *Anais*, XVI, 6.

parece “obcecado em reencenar seu próprio romance de juventude, dotando esse procedimento como um substituto da realidade”. Eu discordo, na medida em que entendo que Egialeu aceitou a morte de Telxínoe e a incorpora, literalmente, à sua realidade como forma de manter-se vivo – a opção seria pôr fim à vida. Essa percepção é essencial para que Habrócomes continue a buscar Ântia, mesmo que, como lhe parece mais provável então, tudo que lhe caiba encontrar seja o seu cadáver.

Uma passagem posterior do romance parece indicar que a compreensão de Habrócomes teria seguido esse último sentido. Depois de deixar a Sicília, ainda sem notícias de Ântia, que imagina morta, ele diz (V, 8): “Tenho certeza, querida, que jamais, nem mesmo morta, você se esqueceria de mim (πέπεισμαι γάρ, φιλτάτη, ὡς οὐκ ἄν ποτε οὐδὲ ἀποθανοῦσα ἐκλάθοιό μου.)”

Para Tagliabue (2017:52), a história de Egialeu tem função proléptica, antecipando “a conquista final de um amor fiel pelos protagonistas e, desse modo, ocupa um papel central na construção de *Efesíacas* como um romance centrado no progresso da relação amorosa de Ântia e Habrócomes”.

Do ponto de vista estilístico, a passagem é bem característica do autor. Note-se o predomínio das orações coordenadas sobre as subordinadas, as orações iniciadas por καί (“KAI style”), o acúmulo de participios, e o uso do presente histórico. Procurei manter esses traços distintivos na tradução.

A história de Egialeu (*Efesíacas*, V.1): tradução

Habrócomes perfez a viagem desde o Egito, mas não foi para a Itália,¹⁰ pois um vento tirou o navio da rota direta e fez com que se perdesse. Conduziu-o à Sicília e ancoraram na grande e bela cidade de Siracusa. Como estava lá, Habrócomes decidiu percorrer a ilha e tentar descobrir se conseguia alguma notícia de Ântia. E foi morar à beira-mar com o velho Egialeu, pescador de profissão. Esse Egialeu era pobre, estrangeiro e tirava a duras penas o sustento de sua profissão. Ainda assim recebeu Habrócomes com alegria, considerava-o um filho e nutria por ele um afeto particular. Uma vez, já bastante íntimos, Habrócomes contou a ele sua história, falou de Ântia, de sua paixão e andanças e Egialeu, por sua vez, começou o seu relato. Disse:

— Habrócomes, meu filho, eu não sou nem siceliota, nem do entorno, mas lacedemônio e cidadão de Esparta, dentre os mais influentes dali e possuidor de numerosos bens. Jovem, arrolado entre os efebos, apaixonei-me por uma moça filha de cidadão, de nome Telxínoe, e ela também correspondia ao meu amor. Encontramo-nos quando se celebrava um festival noturno na cidade, um deus guiava-nos ambos, e desfrutamos daquilo em razão de que nos encontramos.¹¹ Por algum tempo ficamos juntos, sem que ninguém notasse, e juramos várias vezes ser um do outro até a morte. Um dos deuses teve inveja de nós, por certo. Eu ainda estava entre os efebos e os pais de Telxínoe a deram em casamento a um rapaz da região, de nome Ândrocles – também era apaixonado por ela esse Ândrocles. No início, a moça deu várias desculpas para adiar o casamento; por fim, quando deu um jeito de me encontrar, combinou deixar a Lacedemônia comigo à noite. Nós estávamos vestidos como rapazes, e também cortei o cabelo de Telxínoe na noite mesma do casamento. Após deixar a cidade fomos para

¹⁰ Não fica claro porque ele quer ir para a Itália, uma vez que no Egito ele não teve nenhuma pista do paradeiro de Ântia ou dos ladrões de túmulo. De fato, a moça irá para Itália, ao ser vendida ao dono de um bordel, mas ele não tem como saber disso. Aparentemente ele viaja sem rumo certo, tanto que desembarca na Sicília, onde se deixa ficar.

¹¹ Não está definido a qual deus Egialeu se refere, provavelmente porque ele não está certo de sua identidade. No caso de Habrócomes, Eros planeja aproximá-lo de Ântia. (I, 1-2). Cf. também logo abaixo, nova indefinição: “um dos deuses teve inveja de nós”.

Argos e Corinto e de lá tomamos um navio para a Sicília. Os lacedemônios, quando souberam da fuga, votaram pela nossa morte. Nós passamos aqui uma vida de privações, mas felizes, por achar que aproveitamos tudo, por estarmos um em companhia do outro. E ela morreu aqui, Telxínoe, não faz muito tempo, e seu corpo não está enterrado, mas o mantenho comigo e estou sempre o beijando e com ela me relaciono.

E tão logo falou, conduziu Habrócomes a um quartinho bem no fundo da casa e apresentou-lhe Telxínoe, uma mulher já velha, mas que para Egialeu guardava ainda a aparência de uma bela moça. O corpo recebera o tratamento fúnebre dos egípcios, já que o velho era experiente nisso.

— E assim, Habrócomes, meu filho, – ele disse –, converso sempre com ela, como se estivesse viva, e me deito ao seu lado e fazemos juntos as refeições, e mesmo que eu volte um dia exausto da pescaria, ela me consola deixando-se olhar.¹² Você não a vê agora como ela se mostra a mim, mas penso, filho, como ela era em Esparta, como era no dia em que fugimos; penso no festival noturno, penso nos votos que trocamos.

Enquanto Egialeu ainda falava, Habrócomes se lamentava dizendo:

— Ântia, você que é a mais desafortunada de todas as moças, será que eu um dia a encontrarei, mesmo que apenas o seu cadáver? Para Egialeu o maior consolo da vida está no corpo de Telxínoe, e agora aprendi de verdade que o amor verdadeiro não é limitado pela idade. E eu que percorro toda terra e todo o mar, mas nem mesmo sou capaz de ouvir notícias suas! Ó oráculo desafortunado! Ó Apolo que nos deu as mais duras predições entre todas, tenha piedade e dê fim aos oráculos!¹³

Texto Grego¹⁴

[1] ὁ δὲ Ἀβροκόμης διανύσας τὸν ἀπὸ Αἰγύπτου πλοῦν εἰς αὐτὴν μὲν Ἰταλίαν οὐκ ἔρχεται τὸ γὰρ πνεῦμα τὴν ναῦν ἀπῶσαν τοῦ κατ' εὐθὺ ἀπέσφηλε πλοῦ, ἦγαγε δὲ εἰς Σικελίαν καὶ κατήχθησαν εἰς πόλιν Συρακούσας μεγάλην καὶ καλήν. [2] ἐνταῦθα ὁ Ἀβροκόμης γενόμενος ἔγνω περιεῖναι τὴν νῆσον καὶ ἀναζητεῖν εἴ τι περὶ Ἀνθείας εἴ τι πύθοιτο. καὶ δὴ ἐνοικίζεται μὲν πλησίον τῆς θαλάττης παρὰ ἀνδρὶ Αἰγιαλεῖ πρεσβύτῃ, ἀλιεῖ τὴν τέχνην. οὗτος ὁ Αἰγιαλεὺς πένης μὲν ἦν καὶ ξένος καὶ ἀγαπητῶς αὐτὸν διέτρεφεν ἐκ τῆς τέχνης, ὑπεδέξατο δὲ τὸν Ἀβροκόμην ἄσμενος καὶ παῖδα ἐνόμιζεν αὐτοῦ καὶ ἠγάπα διαφερόντως. [3] καὶ ἤδη ποτὲ καὶ ἐκ πολλῆς τῆς πρὸς ἀλλήλους συνηθείας ὁ μὲν Ἀβροκόμης αὐτῷ διηγήσατο τὰ καθ' αὐτόν, καὶ τὴν Ἀνθίαν εἰρήκει καὶ τὸν ἔρωτα καὶ τὴν πλάνην, ὁ δὲ Αἰγιαλεὺς ἄρχεται τῶν αὐτοῦ διηγημάτων. [4] “ἐγὼ”, ἔφη, “τέκνον Ἀβροκόμη, οὔτε Σικελιώτης οὔτε ἐπιχώριος, ἀλλὰ Σπαρτιάτης Λακεδαιμόνιος τῶν τὰ πρῶτα ἐκεῖ δυναμένων, καὶ περιουσίαν ἔχων πολλήν. [5] νέος δὲ ὢν ἠράσθην, ἐν τοῖς ἐφήβοις καταλελεγμένος, κόρης πολίτιδος Θελεξινόης τοῦνομα, ἀντερᾶ δέ μου καὶ ἡ Θελεξινόη. καὶ τῇ πόλει παννυχίδος ἀγομένης συνήλθομεν ἀλλήλοις, ἀμφοτέρους ὀδηγοῦντος τοῦ θεοῦ, καὶ ἀπηλαύσαμεν ὦν ἔνεκα συνήλθομεν. [6] καὶ χρόνῳ τινὶ ἀλλήλοις συνῆμεν λανθάνοντες καὶ ὠμόσαμεν ἀλλήλοις πολλάκις ἕξιν καὶ μέχρι θανάτου. ἐνεμέσησε δέ τις ἄρα θεῶν. κἀγὼ μὲν ἔτι ἐν τοῖς ἐφήβοις ἤμην, τὴν δὲ Θελεξινόην ἐδίδοσαν πρὸς γάμον οἱ πατέρες ἐπιχωρίῳ τινὶ νεανίσκῳ Ἀνδροκλεῖ τοῦνομα ἤδη δὲ αὐτῆς

¹² Em *Alceste*, de Eurípides, Admeto promete a esposa que manterá uma estátua dela junto a si no leito após a sua morte.

¹³ Habrócomes expressa dúvidas de que Ântia esteja realmente morta, como lhe relataram na Cilícia, pois suplica que Apolo ponha fim aos sofrimentos preditos no oráculo (I,6) e reúna o jovem casal. Ele vai oscilar entre esperança e descrença até finalmente reencontrar a esposa.

¹⁴ A tradução segue o texto estabelecido por O'Sullivan para Teubner: Xenophon Ephesius. *De Antia et Habrocome Ephesiacorum Libri V*. Ed. J.N. O'Sullivan (Bibliotheca Teubneriana). Monachii et Lipsiae: K. G. Saur, 2005.

καὶ ἦρα ὁ Ἄνδροκλῆς. [7] τὰ μὲν οὖν πρῶτα ἡ κόρη πολλὰς προφάσεις ἐποιεῖτο ἀναβαλλομένη τὸν γάμον, τελευταῖον δὲ δυνηθεῖσα ἐν ταύτῳ μοι γενέσθαι συντίθεται νύκτωρ ἐξελθεῖν Λακεδαιμόνος μετ' ἐμοῦ. καὶ δὴ ἐστείλαμεν ἑαυτοὺς νεανικῶς, ἀπέκειρα δὲ καὶ τὴν κόμην τῆς Θελξινόης ἐν αὐτῇ τῇ τῶν γάμων νυκτί. [8] ἐξελθόντες οὖν τῆς πόλεως ἤειμεν ἐπὶ Π' Ἄργος καὶ Κόρινθον κάκειθεν ἀναγόμενοι ἐπλεύσαμεν εἰς Σικελίαν. Λακεδαιμόνιοι δὲ πυθόμενοι τὴν φυγὴν ἡμῶν θάνατον κατεψηφίσαντο. ἡμεῖς δὲ ἐνταῦθα διήγομεν ἐν ἀπορίᾳ μὲν τῶν ἐπιτηδείων, ἠδόμενοι δὲ καὶ πάντων ἀπολαύειν δοκοῦντες, ὅτι ἤμεν μετ' ἀλλήλων. [9] καὶ τέθνηκεν ἐνταῦθα οὐ πρὸ πολλοῦ Θελξινόη καὶ τὸ σῶμα οὐ τέθαπται, ἀλλ' ἔχω γὰρ μετ' ἐμαυτοῦ καὶ αἰεὶ φιλῶ καὶ σύνειμι." [10] καὶ ἅμα λέγων εἰσάγει τὸν Ἄβροκόμην εἰς τὸ ἐνδότερον δωμάτιον καὶ δεικνύει τὴν Θελξινόην, γυναῖκα πρεσβύτιν μὲν ἤδη, καλὴν δὲ φαινομένην ἔτι Αἰγιαλεῖ κόρην. τὸ δὲ σῶμα αὐτῆς ἐτέθαπτο ταφῇ Αἰγυπτία· ἦν γὰρ καὶ τούτων ἔμπειρος ὁ γέρων. [11] "ταύτη οὖν", ἔφη, "ὦ τέκνον Ἄβροκόμη, αἰεὶ τε ὡς ζώσῃ λαλῶ καὶ συγκατάκειμαι καὶ συνευχοῦμαι, κἂν ἔλθω ποτὲ ἐκ τῆς ἀλείας κεκμηκῶς, αὕτη με παραμυθεῖται βλεπομένη οὐ γὰρ οἷα νῦν ὄραται σοὶ τοιαύτη φαίνεται ἐμοί, ἀλλ' ἐννοῶ, τέκνον, οἷα μὲν ἦν ἐν Λακεδαιμόνι, οἷα δὲ ἐν τῇ φυγῇ· τὰς παννυχίδας ἐννοῶ, τὰς συνθήκας ἐννοῶ."

[12] ἔτι λέγοντος τοῦ Αἰγιαλέως ἀνωδύρετο ὁ Ἄβροκόμης, "σὲ δὲ", λέγων, "ὦ πασῶν δυστυχεστάτη κόρη, πότε ἀνευρήσω κἂν νεκράν; Αἰγιαλεῖ μὲν γὰρ τοῦ βίου μεγάλη παραμυθία τὸ σῶμα τὸ Θελξινόης, καὶ νῦν ἀληθῶς μεμάθηκα ὅτι ἔρως ἀληθινὸς ὄρον ἡλικίας οὐκ ἔχει, [13] ἐγὼ δὲ πλανῶμαι μὲν κατὰ πᾶσαν γῆν καὶ θάλασσαν, οὐ δεδύνημαι δὲ οὐδὲν ἀκοῦσαι τι περὶ σοῦ. ὦ μαντεύματα δυστυχῆ, ὦ τὰ πάντων ἡμῖν Ἄπολλον χρήσας χαλεπώτατα, οἴκτειρον ἤδη καὶ τὰ τέλη τῶν μεμαντευμένων ἀποδίδου."

REFERÊNCIAS

BOWIE, E. The chronology of the earlier Greek novels since B. E. Perry: revisions and precisions. *Ancient Narrative*, 2, pp. 47-63, 2002.

BRANDÃO, J. L. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UNB, 2005.

DUARTE, A. S. Dez textos para conhecer o Romance Antigo. In: Faria, J. R. (ed.) *Guia bibliográfico da FFLCH*. São Paulo: 2016. Publicação online acessível em <http://fflch.usp.br/guiabibliografico>

_____. A história de Hipótoo (*Efesíacas*, III.2): tradução e comentário. In *Translatio*, 14/1, 218-226, 2017.

EURÍPIDES. *Alceste, Heraclidas, Hipólito*. Tradução de Clara L. Crepaldi. São Paulo: Martin Claret, 2018.

GÄRTNER, H. Xenophon von Ephesus. in Pauly, A. et al. *Realencyclopädie der classischen Altertumwissenschaft*, IX A 2: 2055-89, 1983.

HÄGG, T. Die Ephesiaka des Xenophon Ephesios – Original oder Epitome? in *Classica et Mediaevalia*, 27, pp. 118-61, 1966.

KYTZLER, B. Xenophon of Ephesus. In Schmeling, G. (ed.) *The novel in the ancient world*. Boston: Brill Academic Publishers, 2003, pp. 336-360.

MORGAN, J. R. Xenophon of Ephesus. in De Jong, I.; Nunlist, R. Bowie, A. (ed.). *Narrators, narratees, and narratives in ancient Greek literature*. Leiden: Brill, 2004, pp. 489-92.

O'SULLIVAN, J. N. Xenophon, The Ephesian tales. in Cueva, P.; Byrne, S. (ed) *A Companion to the Ancient Novel*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, pp. 43-61.
_____. *Xenophon of Ephesus: his compositional technique and the birth of novel*. Berlin: Walter de Gruyter, 1995.

RUIZ-MONTERO, C. Xenophon of Ephesus and Orality in the Roman Empire, *Ancient Narrative*, v. 3, 43-62, 2004.

TAGLIABUE, A. *Xenophon's Ephesiaca. A paraliterary love-story from the ancient world*. Groningem: Barkhuis & Groningen University Library, 2017.

WHITMARSH, T. *Narrative and identity in the ancient Greek novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

XENOPHON EPHESIUS. *De Antia et Habrocome Ephesiacorum Libri V*. Ed. J.N. O'Sullivan (Bibliotheca Teubneriana). Monachii et Lipsiae: K. G. Saur, 2005.

XENOPHON OF EPHEBUS. *Antia and Habrocomes*. in Longus; Xenophon of Ephesus. *Daphnis and Chloe; Antia and Habrocomes*. Edited and translated by J. Henderson. Cambridge-Mass: Cambridge University Press, 2009.

Data de envio: 23-03-2018

Data de aprovação: 23-04-2018

Data de publicação: 15-08-2018